



Revista

Em Favor de Igualdade Racial

ISSN: 2595-4911

v. 2, n. 1, (Ago - Jan) 2019

O PREPARO DE INGRESSANTES NO PIBID ATRAVÉS DA LEI 10.639/2003

Andrisson Ferreira da Silva ¹

Paulo Alves de Azevedo²

Cláudia Marques de Oliveira ³

RESUMO

O presente trabalho trata de como a disciplina de Investigação da Prática Pedagógica ementada à Lei 10.639/2003, lecionada no terceiro período do curso de licenciatura em História no ano de 2018 na Universidade Federal do Acre – Ufac - proporcionou a discussão da história e cultura africana e afro-brasileira, encaminhando essas discussões para uma melhor atuação no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (Pibid). A importância deste trabalho está em analisar o aprendizado obtido pelos alunos através dos ensinamentos abordados em classe e a transmissão destes aprendizados. O objetivo é compreender o desenvolvimento de atividades com alunos do Ensino Fundamental II, onde foi introduzida a perspectiva da África como berço da humanidade e ampliado o assunto para as contribuições dos negros para a sociedade. A metodologia se deu através da leitura do referencial teórico, baseado, sobretudo, em Moore (2005) e Machado (2018), que possibilitou tratar sobre África com a perspectiva da colaboração do seu povo. Tem-se também por método a elaboração de questionários para obtenção de respostas voltadas ao aprendizado dos alunos com o recorte étnico-racial desenvolvido em classe. As análises apontam para a necessidade da ampliação da aplicabilidade da Lei 10.639/2003 na sala de aula, uma vez que, a mesma possibilita o processo do conhecimento de si. Espera-se com este trabalho verificar as ações pedagógicas praticadas em classe acerca do ensino da história e cultura africana e afro-brasileira, que reduz o eurocentrismo e amplia o conhecimento do continente africano, trazendo a valorização de suas raízes.

PALAVRAS-CHAVE: Lei 10.639/003. Pibid. Ensino Fundamental II. África. Formação de professores.

¹ Acadêmico do Curso de Licenciatura em História da Universidade Federal do Acre (Ufac). Pesquisador do Observatório de Discriminação Racial (ODR). Atualmente bolsista integrante do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (Pibid). E-mail: andrissonf@gmail.com

² Acadêmico do Curso de Licenciatura em História da Universidade Federal do Acre (Ufac). Atualmente bolsista integrante do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (Pibid). E-mail: Plzd240671@gmail.com.

³ Mestra em Educação, professora substituta, participante do Grupo de Pesquisa “O processo de construção do docente em história” e do “Observatório da Discriminação Racial da Ufac”. E-mail: klaudiamoliveira@gmail.com.



Revista

Em Favor de Igualdade Racial

ISSN: 2595-4911

v. 2, n. 1, (Ago - Jan) 2019

1. INTRODUÇÃO

O curso de Licenciatura em História ministrado na Universidade Federal do Acre (Ufac) tem em sua grade de disciplinas a Investigação da Prática Pedagógica. Através da mesma, os ensinamentos abordados em classe, permitiram a ampliação do autoconhecimento e também do conhecimento coletivo, uma vez que, foram abordados métodos de cunho investigativos, que proporcionaram aos alunos partilhar suas vivências que contribuíram na formação do “Ser Professor”.

A disciplina teve por opção da docente Me. Cláudia Marques de Oliveira⁴ a inserção de um eixo metodológico articulador junto à ementa com a Lei 10.639/2003, que garante a obrigatoriedade do ensino de história, da cultura africana e afro-brasileira nas redes públicas e privadas de educação. Perante o conhecimento da lei, foram elencados na turma, fatores históricos como o darwinismo social e o racismo científico, fatores históricos estes que após os estudos e análises permitiram o entendimento da necessidade da aplicabilidade da Lei 10.639/2003, sabendo então que houve uma construção social em torno das raças. Construções essas que podemos entender suas coligações conforme Clarck (1988, apud BOLSANELLO, 1996, p. 155) “As ligações do darwinismo social com o racismo “científico” foram estabelecidas pelo antropólogo francês Georges Vacher de Lapouge [...]. Para ele as raças dividiam-se em superiores (arianos) e inferiores (judeus, negros, indígenas...)”. Vemos então, o negro sendo desqualificado nos processos de formação da sociedade, de forma diretamente fomentada pelo racismo, pela xenofobia e pelo preconceito. Para percebermos que há uma amplitude na construção da conceituação das raças, vemos o homem branco sendo supra valorizado pelas vertentes do racismo científico:

As idéias [sic] sobre hierarquia racial estavam baseadas, principalmente, em determinados autores do século XIX, que deram corpo teórico ao chamado “racismo

⁴ Cláudia Marques de Oliveira descendente do povo gurutubano, quilombola do norte de Minas, nasceu em Janaúba no estado de Minas Gerais. Possui graduação em Normal Superior - Faculdades Pedro Leopoldo. Professora substituta na Universidade Federal do Acre - UFAC e licenciada da Rede Municipal de Educação da Prefeitura de Pedro Leopoldo/MG. Mestre pelo Programa de Pós-Graduação: Conhecimento e Inclusão Social em Educação pela Fae/UFMG com o tema: Cultura Afro-brasileira e Educação: significados de ser criança negra e congadeira no município de Pedro Leopoldo/MG.



Revista

Em Favor de Igualdade Racial

ISSN: 2595-4911

v. 2, n. 1, (Ago - Jan) 2019

científico”. Teóricos racistas tais como Gobineau, Agassiz, Le Bon e Lombroso afirmavam a superioridade da chamada “raça branca”, a inferioridade das demais (“as raças puras inferiores”) e a “degeneração” dos mestiços, o que era considerado como pior (MACIEL, 1999, p. 124).

Mediante a construção dos conhecimentos que permitiram o entendimento acerca das questões raciais produzidas na Europa e que foram reproduzidas no mundo, vale destacar que os alunos passaram a vivenciar nas aulas, um ensino que difere do ensino padrão, onde muitas das vezes sequer agem como participantes das aulas, mas apenas como ouvintes. Então, compartilhar as experiências de cada um foi uma experiência que fortaleceu o respeito entre si, a partir do momento em que se passou a conhecer e entender as vivências e dificuldades de outrem. Experiências de racismos vividas e presenciadas pelos alunos foram expostas entre a turma, em uma conversação desafiadora de vivências marcantes, uma vez que, essas experiências contribuíram para uma negação ou não percepção do pertencimento racial, pois ver nos meios de comunicação, o branco que interpretava: o médico, cientista, advogado, galã, entre outros personagens. Paradigmas esses reproduzidos nas novelas e filmes, tornando perceptível a distinção das classes relativamente à cor da pele, elencando ao negro apenas o papel do traficante, da empregada doméstica, do jardineiro, e entre outros papéis, onde a questão não é apenas a inferiorização da classe subalterna, mas sim da classe subalterna que é negra. E ainda consoante ao pensamento de Souza, a autora destaca que:

Ao observar a atuação dos personagens negros e seus respectivos diálogos dentro das tramas [...] fica evidente algo muito cruel: todos os papéis são estereotipados. O Brasil não pode seguir sendo representado como um país absolutamente branco e que os poucos negros que o compõem, segundo as novelas atuais, estivessem somente na condição de servir e, neste caso, a escola tem o papel fundamental de ajudar a formar novos espectadores, com um outro olhar, não permitindo mais que a naturalização de uma importante parcela da população seja perpetuada (SOUZA, 2011, p. 89-92)

Falar de questões como essas acerca da mídia, que permeiam as questões raciais, permitiu o entendimento de que há um distanciamento da realidade, uma vez que, há papéis estereotipados, e vão sendo moldadas atribuições de uma sociedade boa e elitizada ao branco, e as características de marginalizado e inferiorizado ao negro. Logo então, os alunos puderam perceber e entender que apesar dos 15 anos de criação da lei 10.639/2003, os desafios ainda



Revista

Em Favor de Igualdade Racial

ISSN: 2595-4911

v. 2, n. 1, (Ago - Jan) 2019

são grandes, pois o Brasil que possui suas raízes também na África, ainda procura tornar-se o mais branco possível, trazendo em memória social a política de branqueamento aqui aplicada pelo poder público brasileiro após a abolição da escravatura, no início do séc. XX com o advento da República. Essa política compunha um conjunto de ações e benefícios articulados para incentivar a vinda de famílias europeias, com o objetivo de que a população brasileira se tornasse cada vez mais embranquecida. Ao mesmo tempo em que por outras ações e formas prejudiciais se buscava também como política pública brasileira o extermínio da população negra.

E de acordo com Moore (2005, p.33) apesar das tradições e culturas de África nutrir o povo brasileiro, a empatia não é natural. Isso se dá também, mediante ao darwinismo social e ao racismo científico que foi difundido na sociedade mundial, uma vez que a Europa teve seu espaço para a propagação do racismo como forma de ciência, valendo destacar o que diz Machado:

O exercício da desmistificação é fundamental na superação da ideia de que os brancos são protagonistas exclusivos do poder político, econômico, ciência, tecnologia e inovação do mundo, de que o europeu é universal e o não-europeu é alteridade, de que a Europa é o espaço do pensamento por excelência e que o não-europeu é espaço do antropológico, de que o pensamento europeu surge, se desenvolve, se renova e se expande por geração espontânea, sem colaboração não europeia e por fim, de que a Europa, tem novamente a missão prometéica de iluminar o mundo[...] (MACHADO, 2018, p. 26).

Portanto, as vivências e experiências partilhadas em classe que contornam as experiências de racismos vividas e presenciadas, a compreensão do darwinismo social e racismo científico que foram difundidos no mundo moderno e que prevaleceram na sociedade contemporânea efetivou a compreensão dos bolsistas para a maior efetivação da lei 10.639/2003.

A ENTRADA DOS ALUNOS NO PIBID

O Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência proporciona oportunidade a discentes de cursos presenciais que se dediquem ao estágio nas escolas



Revista

Em Favor de Igualdade Racial

ISSN: 2595-4911

v. 2, n. 1, (Ago - Jan) 2019

públicas e que, quando formados, colaborem com o exercício do magistério na rede pública, conforme Ministério da Educação (2018). Sendo assim, o programa proporcionou aos bolsistas licenciandos uma nova perspectiva, uma vez que tiveram de por em prática o olhar investigativo onde entre os objetivos direcionados foi: conhecer a comunidade onde a escola está localizada, conhecer o histórico da escola e também observar as aulas de ensino de história.

Portanto na primeira ida à escola os alunos puderam ter contato com o coordenador pedagógico para recepcionar os ingressantes, expondo-lhes também os projetos já realizados na escola, que fortalecem a obrigatoriedade da lei 10.639/2003. A conversação efetivou a escolha por trabalhar com o viés da história e cultura afro-brasileira e africana, e a identificação foi certa, relativo ao aprendizado exitoso obtido na disciplina de Investigação da Prática Pedagógica. No entanto, foi oferecido aos bolsistas temáticas para escolha, e consequentemente serem trabalhadas na instituição, as mesmas foram: O ensino da história e cultura indígena que é estabelecido pela Lei 11.645/2008, o ensino acerca dos povos seringueiros, e o ensino da história afro-brasileira e africana, que é assegurado pela Lei 10.639/2003. Então, os alunos já no 3º período do curso de Licenciatura em História tiveram a oportunidade de adentrar ao programa. Partes dos discentes da mesma turma foram alocados para a Escola Pública Estadual Marilda Gouveia, que está localizada no Bairro João Eduardo I, na periferia de Rio Banco no estado do Acre, a instituição mencionada tem aulas direcionadas para o Ensino Fundamental II no período diurno e Educação de Jovens e adultos no noturno.

A REPRODUÇÃO DOS CONHECIMENTOS ATRAVÉS DOS ESTUDOS ABORDADOS EM CLASSE

Os alunos antes apenas ouvintes e agora atuando como docentes iniciantes compreenderam a obrigatoriedade do ensino sobre África e sua cultura e também a afro-brasileira, visando não apenas cumprí-la por ser obrigatória, mas também por ser necessária. O que haviam adquirido de conhecimento levou-lhes a percepção de poderem colaborar para



Revista

Em Favor de Igualdade Racial

ISSN: 2595-4911

v. 2, n. 1, (Ago - Jan) 2019

que os alunos tivessem a identidade reconhecida, positivada. Assim muitos puderam se auto identificar como negros, outros puderam abandonar preconceitos referente ao que é de matrizes africanas e conhecer as contribuições do negro para a sociedade.

Partindo do conhecimento adquirido, os bolsistas tiveram a oportunidade de desenvolver com os alunos do Ensino Fundamental II atividades que envolvem a temática étnico-racial, objetivando então, contribuir com as atividades para o Dia da Consciência Negra. Em reunião separou-se o grupo de oito alunos, onde foi dada a liberdade de escolha do tema para trabalharem. O supervisor dos bolsistas, que é professor de história da escola, cedeu o horário de suas aulas da turma do 9º ano para o desenvolvimento das atividades. Então, de oito discentes participantes do Pibid que atuam na Escola Marilda Gouveia, foi subdividido dois grupos com quatro componentes. Sendo assim, cada grupo teve uma semana para trabalhar o tema na sala mencionada, sendo que na terça-feira haviam dois horários de 50 minutos completando 1h40min de aula e na sexta-feira apenas um horário de 50 minutos. Os dois grupos tiveram de elencar suas pesquisas referentes aos seguintes temas: “As Contribuições dos Negros para a Sociedade” e a “Representação Negra nas Histórias em Quadrinhos”. A escolha dos temas supracitados acima teve por objetivo a contribuição do negro para a sociedade, e que fosse absorvido o conhecimento de África como berço da humanidade, abandonando os estereótipos acerca do homem negro, possibilitando assim, o reconhecimento e o pertencimento racial.

AS AULAS

Na primeira aula os alunos tiveram de encarar o nervosismo e a pouca experiência referente ao lecionar uma aula, contudo, mantiveram a postura e deram início ao assunto, levando a perspectiva de África como berço da humanidade de acordo com o material que puderam aproveitar da disciplina de Investigação da Prática Pedagógica. Foi possível perceber um distanciamento da África em nosso imaginário, uma profunda lacuna foi aberta pelas teorias eugenistas difundidas na Europa. Portanto, poder acatar a verdade de que o continente africano é apontado como berço da humanidade se torna incoerente para muitos, até que



Revista

Em Favor de Igualdade Racial

ISSN: 2595-4911

v. 2, n. 1, (Ago - Jan) 2019

sejam instruídos e conheçam que esse lugar abrigou os progenitores da espécie humana e que fica ao lado da Europa. E explicar-lhes o fato de África e Europa serem separados apenas pelo Estreito de Gibraltar, uma distância aproximada de 14 km, corrobora o processo de conhecimento desse continente, que parece estar tão longe da estipulada superioridade, no que fortalece a inferiorização de tudo que é afro. Sequer parece que o Egito, com toda sua magnitude em arquiteturas e modelos de sociedade, pertence ao continente africano. Um país tão belo, tão evoluído, como poderia estar lá, em meio a povos primitivos que nem evoluíram, vivendo as formas de vidas mais primitivas e isoladas da civilização?

Indagações essas moldam a sociedade no viés do preconceito e ignorância. Poder levar a perspectiva da terra esquecida como berço da humanidade é afirmar a importância da mesma. É desenvolver nos alunos um olhar de respeito. E nessa perspectiva deu-se o embasamento através de Moore (2005), que aponta a África como berço único da humanidade, pois seu povo são progenitores da espécie humana. A intenção foi tirar o continente africano do esquecimento em que ele foi posto em decorrência do racismo científico e do darwinismo social, que marginaliza o negro, uma vez que a África é negra e conseqüentemente seu povo teve sua cultura, língua, costumes e entre outras coisas inferiorizadas. Tirar do esquecimento também possibilitou tirar o imaginário de África como um país, demarcando-se o fato de que se trata de um continente. Questão essa em que muitos alunos se mostram admirados. Após falar desse berço que deu origem ao que somos hoje, por que não explicar sobre as contribuições do negro na sociedade?

Para possibilitar então a compreensão dos alunos, abordou-se o material de Lázaro Cunha, que explana as contribuições desse povo para a sociedade, explicando inicialmente especificidades que tornaram possíveis conhecer esse território que parece tão longínquo, e informações como; saber que África é o terceiro continente mais extenso do mundo, o mais populoso da terra com cerca de um bilhão de pessoas, e com diversidade étnica, cultural, social e política, facilita a compreensão e entendimento das diversidades dessa sociedade, por parte dos alunos. E assim, em seguida, foi possível discorrer sobre os seguintes assuntos: A contribuição dos negros para a ciência e tecnologia, para a astronomia, para a engenharia, para a arquitetura e matemática. Com explicações acerca dessas contribuições veio também a



Revista

Em Favor de Igualdade Racial

ISSN: 2595-4911

v. 2, n. 1, (Ago - Jan) 2019

explanação sobre o legado científico e tecnológico dos afro-brasileiros, falando de André Rebouças como engenheiro que solucionou o problema do sistema de abastecimento do Rio de Janeiro, de Juliano Moreira que formado em medicina teve atuação notável no campo científico e de Teodoro Sampaio que participou da reconstrução do velho prédio de medicina em Salvador, e contribuiu na composição do corpo de docentes do exterior na USP conforme Cunha (2018). O objetivo principal não se deu no aprofundamento da trajetória de vida dos personagens e seus feitos. A breve explicação sobre essas contribuições teve por intuito mostrar que o negro também contribuiu para a sociedade, realçando o seu papel de extrema importância na mesma, objetivando o término de sua invisibilidade solidificada pelo racismo científico. A aula tornou-se proveitosa e a dinâmica entre alunos e bolsistas efetivou-se de forma satisfatória. A partir das explicações foi apresentado aos alunos temas para pesquisarem, para poderem assim, desenvolver seus trabalhos e porem amostra no Dia da Consciência Negra, os temas foram sobre as contribuições dos negros na:

- Culinária;
- Religião;
- Literatura;
- Engenharia;
- Dança;

Após a aula de explanação do conteúdo na terça-feira, os alunos levaram na sexta-feira o material pedido pelos bolsistas para elaborarem seus trabalhos. Os grupos divididos respectivamente aos temas transcreveram suas pesquisas para cartolinas, e a partir de cada leitura para transcrição do material, passaram a conhecer mais sobre a influência do negro no Brasil e em diversas áreas, desde a cultural à literatura. Esse desenvolvimento de atividades corrobora o processo do pertencimento de si mesmo, ajudando o aluno a se identificar na sociedade de forma positiva encerrando assim os trabalhos do primeiro grupo de bolsistas na semana, de maneira proveitosa.



Revista

Em Favor de Igualdade Racial

ISSN: 2595-4911

v. 2, n. 1, (Ago - Jan) 2019

O próximo grupo de bolsistas utilizou sua semana para trabalhar a perspectiva do negro no cinema e personagens negros de histórias em quadrinhos, visando com que os alunos desconstruam os estereótipos do herói somente branco. Trabalhando nessa perspectiva foi notória a empolgação dos alunos acerca do tema advindo da explanação de personagens negros como a Mulher Tempestade, Pantera Negra, Raio Negro e Luke Cage, tendo por base Weschenfelder (2013, p. 9), “[...] o aparecimento do super-herói negro nas histórias em quadrinhos, não traz somente uma superação diante da segregação e do racismo. Ele traz um sentido de igualdade racial [...]”, portanto vemos um processo de quebra desses estereótipos, cujo ao negro estava reservado apenas às atuações cômicas ou de pouca importância nas histórias em quadrinhos e cinemas. Logo então, os discentes se entregaram as atividades, e a animação proporcionou momentos únicos de aprendizado, tanto que no momento de separação das atividades, um determinado grupo se nomeou de “Os *Black Panthers*”. Sendo assim, podemos concluir que falar de negro nas representações midiáticas é falar da contribuição e posituação do pertencimento racial, é valorizar suas raízes enquanto negro.

A PRODUÇÃO DOS TRABALHOS

Na semana de cada grupo, os alunos levaram na última aula destinada para as atividades em prol do “Dia da Consciência Negra”, o material para a produção de seus cartazes, e os grupos subdivididos fizeram seus trabalhos na sala. Sendo que cada grupo teve no momento do trabalho, a supervisão de um dos bolsistas. As pesquisas levantadas por eles serviram de base para a escrita nas cartolinas, e além do mais, a supervisão de cada grupo proporcionou uma nova experiência aos bolsistas iniciantes no campo da docência. Pôde ser compreendida a importância do estímulo por parte do professor, para que o discente sintasse motivado a produzir, demarcando um envolvimento não somente por nota, mas sim pelo conhecimento. E quando se fala no ensino da história e cultura africana e afro-brasileira, estamos cumprindo a Lei 10.639/2003 que é obrigatória. Vale então, ressaltar que a cada ação, um novo aprendizado. Mediante as leituras e a produção dos cartazes, que não é nenhuma atividade inovadora, mas para chegar até este ponto os bolsistas explorou um rico



Revista

Em Favor de Igualdade Racial

ISSN: 2595-4911

v. 2, n. 1, (Ago - Jan) 2019

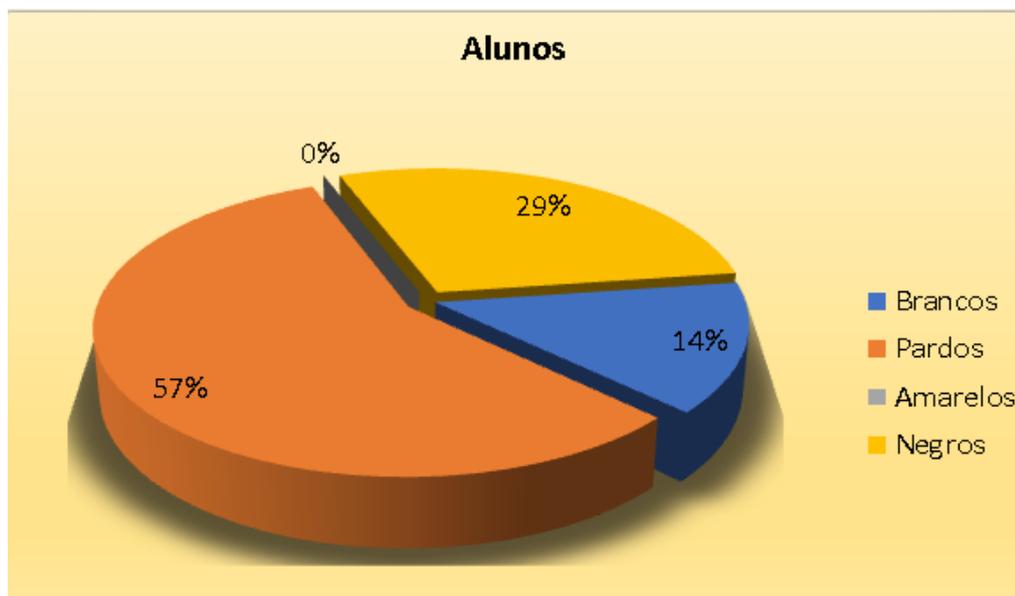
material que proporcionou um aprendizado inovador, e além do mais, se efetivou uma aproximação do universo acadêmico com o ensino básico proporcionado pelo Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência, sendo preenchida a lacuna do distanciamento entre esses espaços educacionais.

DIA DA CONSCIÊNCIA NEGRA; MOSTRA DOS TRABALHOS

Com os trabalhos já produzidos, no dia 24 de novembro os alunos chegaram à escola a partir das 7h30min. Enfim chegara o Dia da Consciência Negra, evento este no qual seria posto a mostra as produções de tão amplo aprendizado. Já prontos, foram organizados na quadra de esportes da instituição os cartazes, permanecendo à disposição do olhar de todos os alunos da escola. Portanto, o conhecimento construído não ficou recluso somente a sala de aula do 9º ano, os demais colegas desde a secretaria à comunidade puderam contemplá-los, enfim, a lei pôde ser visualizada em sua implementação.

Ao término das atividades foi aplicado aos alunos um questionário, elaborado no *Microsoft Word* e impresso em folhas A4, foi elaborado na intenção de buscar saber como os alunos se autodeclaravam. A distribuição foi realizada em classe e primeiramente pedia-se o nome de quem o respondia e a idade. A questão de número 1 com pergunta direta, indaga ao discente qual a cor que ele se considera e de 22 alunos que responderam ao questionário temos os seguintes resultados, que permitem o conhecimento por percentual, de como os alunos se autodeclararam:

Figura 1 - DADOS RELATIVO À COR AUTODECLARADA PELOS ALUNOS



Fonte: Dados da pesquisa.

Em uma turma composta por maioria de alunos negros e pardos autodeclarados fez-se necessária a explanação de conteúdos com o recorte étnico-racial, todos puderam entender a importância que se tem o continente africano, e esses dados reforçam a importância da temática, mediante ao elevado número de discentes negros na sala. Contudo, vale ressaltar que há a necessidade de que todos aprendam acerca dos temas que condizem com a lei 10.639/2003, que acaba fortalecendo as relações de respeito na sociedade. E ainda citando Moore:

A obrigatoriedade do ensino da história da África no Brasil está certamente atrelada às múltiplas interações do corpo social brasileiro, estimulando o surgimento do que há de melhor, mas também aguçando as tendências mais conservadoras ligadas a um passado escravista mal assumido. É nesse sentido que o novo esforço educador pode se transformar num fator democratizante e, mais ainda, num processo integrador de vocação universal (MOORE, 2005, p. 34).



Revista

Em Favor de Igualdade Racial

ISSN: 2595-4911

v. 2, n. 1, (Ago - Jan) 2019

Portanto o ensino da história e cultura africana e afro-brasileira reforça a quebra de paradigmas, o conhecimento do que vem de África e do que vem do negro faz perdurar a homogeneidade do respeito.

No tocante ao contentamento e aprendizado, os bolsistas buscaram saber a opinião dos alunos referente aos estudos desenvolvidos em classe, replicando a eles um questionário com as seguintes perguntas:

- Qual a importância do aprendizado sobre a África?
- O que você entende sobre o racismo?
- Você se sente satisfeito com o material abordado pelos bolsistas?
- A temática abordada pelos bolsistas acerca da África como berço da humanidade e as contribuições dos negros para a sociedade, o ajudaram a se identificar e, a saber, de onde você veio?

Sendo assim destacamos aqui algumas respostas dos alunos:

Egito⁵; sua resposta acerca da importância de aprendizado sobre a África foi:

- “Tem enorme importância em sabermos a história dos nossos antecedentes, pois eles foram os construtores da humanidade”.

Congo, sua resposta acerca do que foi entendido sobre o racismo:

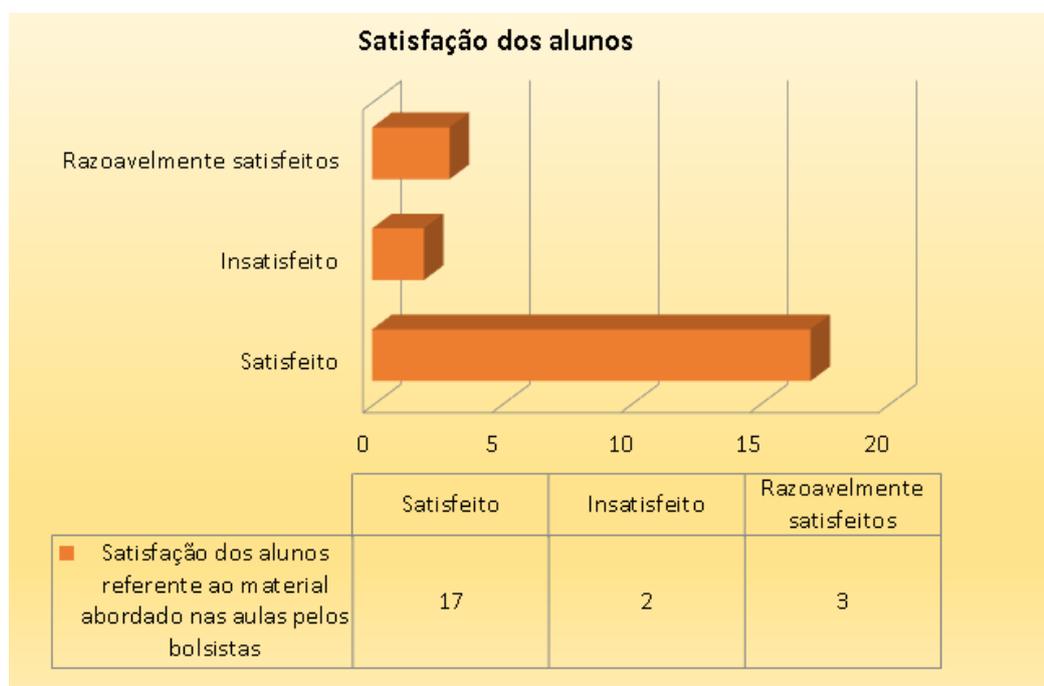
- “São práticas de preconceito contra a cor da pele de outrem, são atos totalmente inadmissíveis, e para o combate disso é necessário termos consciência”.

É notório, mediante ao que foi escrito pelos alunos o aprendizado efetivado através dos bolsistas do Pibid. No gráfico abaixo há o índice de satisfação dos alunos, referente aos conteúdos explanados nas aulas.

⁵ Não houve nenhum pedido de autorização para os alunos por serem menores de idade, portanto seus nomes serão substituídos por nomes de países africanos.



Figura 2 - GRÁFICO DE SATISFAÇÃO DOS ALUNOS



Fonte: Dados da pesquisa.

A satisfação efetiva-se por meio de 17 alunos, o trabalho realizado pelos iniciantes à docência pôde ser gratificado por intermédio dessa satisfação, os insatisfeitos despertam nos pibidianos⁶ o desejo de melhorar cada vez mais os métodos de abordagem dos conteúdos, propiciando um ensino e uma aprendizagem de qualidade.

Uganda, sua conclusão acerca da contribuição do assunto exposto em sala no processo do se autoidentificar e saber de onde veio:

- “Sim, falaram que os negros são pessoas importantes e que muitos deles criaram invenções fantásticas, também tiveram uma carreira de sucesso, e que, qualquer pessoa pode conseguir seus objetivos”.

⁶ Expressão dada aos bolsistas do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (Pibid).



Revista

Em Favor de Igualdade Racial

ISSN: 2595-4911

v. 2, n. 1, (Ago - Jan) 2019

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os licenciandos em História no decorrer de sua formação docente puderam adquirir experiência quanto aos métodos de abordagem dos conteúdos e sua devida explanação para melhor aprendizagem dos alunos. Explanar sobre África como berço da humanidade, sobre as contribuições dos negros para a sociedade e sobre a representatividade do negro nas histórias em quadrinhos, proporcionou que os alunos desenvolvessem posturas e relações mais respeitadas, distanciando as práticas racistas. O respeito foi fortalecido. O entendimento quanto ao continente africano ficou mais próximo. Tornou-se perceptível o fato de que a contribuição africana está intrínseca nas raízes brasileiras; nas danças, nas comidas, nas palavras, na religião, nas ciências e nas tecnologias. E apesar de as bases de construção de nossa sociedade serem racistas e segregadoras, as práticas docentes podem tornar capazes o processo de conhecimento e de posituação das identidades. Percebemos o desdobramento dos conhecimentos dos bolsistas do curso de licenciatura em história, que foram beneficiados com a aplicabilidade da Lei 10.639/2003, fazendo valer uma ligação entre Ensino Básico e Ensino Superior. O ensino de história e cultura africana, afro-brasileira e indígena nas escolas é extremamente importante para o processo de valorização e posituação das identidades. Outro aspecto que podemos elencar como parte das considerações finais, é o poder multiplicador, libertador e humanizador do conhecimento. Esse é o propósito da Lei 10.639/2003, da formação de professores e da educação. A formação humana deve ser o foco principal da educação. É esse o foco que deve embasar toda a formação de professores. O curso de história é por natureza um curso que necessita desenvolver e trabalhar o censo humano em sua base de formação. Para uma pessoa desenvolver a sensibilidade no trato com as relações étnico-raciais, é de extrema importância que ela tenha primeiro, consciência de si e de sua identidade. E que essa identidade seja positivada e valorizada. Tornando então, um docente desenvolto na sensibilidade e no comprometimento, que é necessário para produzir práticas pedagógicas inovadoras e transformadoras de pessoas. Esse foi e é, o grande diferencial da disciplina Investigação da Prática Pedagógica para a formação de professores.



Revista

Em Favor de Igualdade Racial

ISSN: 2595-4911

v. 2, n. 1, (Ago - Jan) 2019

Foi isso que aconteceu com os pibidianos do curso de História da Ufac, que cursaram essa disciplina no terceiro período. Depois de experienciarem o compartilhar de suas identidades e se voltarem para a reflexão sobre quem são e sobre quais características e aspectos de suas personalidades podem lhes caracterizar na prática da docência, puderam observar que em uma grande medida, nunca tinham parado para pensar suas identidades. E como é que poderiam realizar um trabalho voltado à posituação da identidade de outros jovens ou adolescentes? Como poderiam desenvolver práticas pedagógicas de valorização das identidades, de promoção da igualdade étnico racial e trazer os conhecimentos sobre África, sobre os indígenas e as demais diversidades historicamente excluídas do currículo educacional brasileiro?

Esse é o grande desafio para a efetiva implementação da obrigatoriedade do ensino da história e da cultura africana, afro-brasileira e indígena, que deve ser trabalhada por todas as disciplinas de um curso de graduação, especialmente pelas licenciaturas. Portanto através do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência – Pibid, os bolsistas efetivaram a reprodução de seus conhecimentos, fazendo valer o objetivo do programa, que é contribuir para a valorização do magistério tornando seus colaboradores como protagonistas do ensino, interligando as esferas de educação e dando ênfase à promoção da igualdade racial que culmina na qualidade do processo de ensino - aprendizagem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CUNHA, Lázaro. **Contribuição dos povos africanos para o conhecimento científico e tecnológico universal**. Disponível em: <http://www.acaoeducativa.org.br/fdh/?p=1684>. Acesso em: 20 de maio de 2018.

MACIEL. Maria Eunice de S. **A eugenia no Brasil**. Anos 90. Porto Alegre, n. 11, julho de 1999. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/31532/000297021.pdf?sequence=1..> Acesso em: 12 de dez de 2018.

MACHADO, Carlos Eduardo Dias. **A construção da raça branca e a suposta incapacidade intelectual negra para a ciência, tecnologia e inovação**. Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN), [S.l.], v. 10, p. 12-29, jan. 2018. ISSN 2177-2770.



Revista

Em Favor de Igualdade Racial

ISSN: 2595-4911

v. 2, n. 1, (Ago - Jan) 2019

Disponível em: <<http://abpnrevista.org.br/revista/index.php/revistaabpn1/article/view/527>>. Acesso em: 13 de nov de 2018.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **PIBID – Apresentação.** 2018. Disponível em:<<http://portal.mec.gov.br/pibid>>. Acesso em: 08 de dez de 2018.

OLIVEIRA, Claudia Marques de. Currículo do Sistema Currículo Lattes. Acre, 26 de outubro de 2018. Disponível em:<<http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?metodo=apresentar&id=K4488475Z>> Acesso em: 12 de dez de 2018.

SOUZA, Edileuza Penha. **Negritude, cinema e educação.** 2ª ed. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2011.

VESCHENFELDER, Gelson Vanderlei. **Os Negros nas Histórias em Quadrinhos de Super-Heróis.** Identidade! | São Leopoldo | v.18 n. 1 | p. 67-89 | jan.-jun. 2013 | ISSN 2178-0437X Disponível em:<<http://periodicos.est.edu.br/identidade>>. Acesso em: 27 de nov de 2018.

WEDDERBURN, C. M. **Novas bases para o ensino da história da África no Brasil.** Brasília: MEC/BID/Unesco, 2005. Disponível em: <<http://www.acaoeducativa.org.br/fdh/wp-content/uploads/2012/11/novas-bases-para-o-ensino-do-hist%C3%B3ria-da-%C3%A1frica.pdf>>. Acesso em: 13 de nov de 2018.